

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

Ano V - Nº 1 Dezembro 2010



Nesta Edição

Em Foco

- O valor do silêncio
- Notícias da Academia
- Páginas Literárias



Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M^a Cacilda Marado

Fotografia

Maria Teresa Cardoso

Colaboradores desta edição

Aida Viegas

Anne Bartlett

Conceição Neiva

Elisete Lebre

Emília Andrade

Graciete Manangão

Gracinda Campos

Helena Calado

Isabel Maria Almeida

João Madeira

José Carreto Lages

José Manuel Cachim

Leonilde Oliveira

Lindonor Silveirinha

Lourdes Oliveira

Manuela Salgueiro

Maria Cacilda Marado

Maria Celeste Salgueiro

Maria Helena Fidalgo

Maria José Sampaio

Maria Teresa Albuquerque

Rosinda de Oliveira

Editorial

Cada vez é mais notório o interesse das pessoas pela Academia de Saberes, bem como o prazer de a frequentar. O aumento do número de inscrições mostra quanto é salutar haver um espaço onde se podem partilhar amizades, saberes, dúvidas, anseios, alegrias, sonhos.

Assim, as primeiras palavras do *Ecos* são para a Academia, enaltecendo quem a criou e todos os que lhe dão continuidade.

Parabéns pelo seu sexto aniversário!

Depois, o *Ecos* agradece a colaboração de todos os que lhe dão consistência com os seus textos, pedidos ou espontâneos.

Finalmente, nesta época mágica de Natal, o *Ecos* quer oferecer com muita doçura o que tem: notícias, poesia, opiniões, curiosidades.

Viver o Natal é partilhar o que somos e o que temos.

Um Santo Natal para todos.

Maria Cacilda Marado

Notícias da Academia

Os nossos Escritores

Este primeiro período de aulas da Academia de Saberes foi pródigo em apresentações de livros escritos pelos nossos academistas. A começar *O Molicheiro da Ria* da autoria de Amaro Neves e ilustrações de Sara Bandarra; depois, *Da Minha Memória Médica* de Amorim Rosa Figueiredo; em seguida, *A magia dos encontros e reencontros* de Maria Cacilda Marado e, a finalizar, *Contos da Terra dos Ílhavos* de Licínio Ferreira Amador.

O *Ecos* teve também conhecimento de que, muito brevemente, será dado à estampa um outro livro de Aida Viegas: *Laura – Um grito no Silêncio*.

O *Ecos* da Academia felicita os autores.

Recepção aos caloiros

No passado dia 5 de Novembro, realizou-se um almoço/convívio com os alunos das turmas 1 e 2 da Área da Comunicação, no Café Bela Ria na Gafanha d'Aquém.

Este encontro teve como principal objectivo a integração das “caloiras” na Área da Comunicação, criando e fomentando novos laços de amizade e



cooperação. Iniciou-se esta confraternização com um excelente momento de “praxe”, desenvolvido pela Maria Helena, que nos levou a todos a uma activa e calorosa participação. A “praxe” foi concluída pela nossa digníssima professora Cacilda que presenteou todas as “caloiras” com uma bela rosa. Deu-se de seguida início ao almoço com a tão falada “feijoada de samos”, num ambiente de boa disposição e saudável convívio. Pela voz da Manuela, as novas alunas brindaram todo o grupo com uns bonitos versos adequados ao momento.





Também, como já vem sendo hábito nestes encontros, o Cachim fez a sua intervenção oportuna e repleta de humor.

O convívio encerrou da melhor forma com a interpretação de duas canções na bonita voz da Isabel Maria.

Mais uma vez imperaram a boa disposição e a alegria, como já vem sendo apanágio dos nossos encontros na Área da Comunicação.

*Helena Calado
Gracinda Campos
Leonilde Oliveira*

Actuações do grupo de danças de salão

No passado dia 11 de Novembro, dia de S. Martinho, o Grupo de Danças de Salão desta Academia, orientado pela formadora Teresa Silveirinha, deslocou-se à Academia da Cruz Vermelha, situada na Parede, concelho de Cascais, onde apresentou várias danças, nomeadamente, a rumba, o chá-chá, a salsa e o *slow*.

O convite partiu da direcção da Academia da Cruz Vermelha, que amavelmente recebeu os elementos participantes. Após a actuação do Grupo de Danças, que foi muito apreciada por todos quantos assistiram, seguiu-se um alegre convívio, com música para dançar, água-pé e castanhas assadas. À noite, o grupo foi ao Casino do Estoril, para assistir a um espectáculo de La Féria e, depois disso, ainda houve oportunidade de ir a uma discoteca onde se bailou animadamente até às 3 horas da madrugada. O regresso a Aveiro aconteceu no dia seguinte.

No sábado seguinte, dia 13 de Novembro, alguns elementos do mesmo Grupo de Danças de Salão, deslocaram-se ao Parque de Feiras e Exposições de Aveiro, acompanhados pela sua professora de danças, para participarem, com algumas das suas danças, na Comemoração do Dia Mundial da Diabetes. Neste evento, também participaram algumas escolas.

G. M.

Um Escritor revela-se

Até mesmo uma viagem de cariz literário pode conter um prólogo feito de lugares-comuns: responder à chamada, escolher assento, dissertar sobre previsões meteorológicas. Foi assim que tudo começou naquela manhã de 26 de Outubro. Os objectivos do passeio eram interessantes e o sol

prometia cumplicidade. Dentro do autocarro seguiam formandos de Comunicação, a sua professora, Maria Cacilda, e outros ilustres academistas. Tudo gente intrépida, imaginando aventuras culturais nas agrestes Terras do Demo. Ali onde os lobos uivam e faunos andam à solta pelos bosques, ali onde Aquilino Ribeiro aprendeu a linguagem vernácula das gentes serranas.

Uma hora depois, o autocarro parou na estação de serviço de Viseu. Brevíssima pausa, apenas para que cada um pudesse aliviar o corpo dos incomodativos excedentes e reabastecer o estômago. Aí juntou-se a nós o doutor Alberto Correia, presidente do Centro de Estudos Aquilinos e membro da Fundação Aquilino Ribeiro. Foi um prazer termos a sua companhia durante a viagem e um privilégio escutarmos as suas dissertações sobre a vida e a obra do escritor.

E lá partimos de novo ao longo de uma via sinuosa, pelos costados da serra. Vila Nova de Paiva... Alhais (em cuja igreja Aquilino foi baptizado)... Soutosa. Por fim, a casa-museu do escritor. Uma casa singela, robusta: paredes de granito, compartimentos acanhados. Todos os objectos ali expostos guardam segredos, retalhos da vida privada de um grande homem de letras. Cá fora um

pátio, um quintal, árvores. Foi nesse paraíso que algumas damas se sentiram tentadas pela maçã. Então o Cachim, poeta e cavalheiro, ergueu um pau e varejou os frutos. Zumba, zumba, para dentro dos sacos das senhoras. Uma recordação não literária, mas, oh céus, deliciosa!

A viagem prosseguiu serra abaixo. Ariz... Caria... Vila da Rua, com a sua velha igreja, a sua fonte, trazida do convento de São Francisco (hoje em ruínas), o seu famoso pelourinho. A policromia outonal enfatizava toda a beleza da região: vinhas, pomares, prados.

Aquilino Ribeiro nasceu no Carregal, a poucos quilómetros da Vila da Rua. A sua casa berço abre para um pátio de mansão senhorial. Foi exactamente aí, nesse *pátio fidalgo*, de frente para a *obsequiosa escada de pedra* e o *esgrouviado sabugueiro*, que Maria Cacilda nos leu os primeiros parágrafos do romance *Cinco Reis de Gente*.

Depois... Bem, tentar descobrir os laços que unem uma paisagem à sua representação literária estimula não só a mente mas também o estômago.

Dito sem eufemismos, tínhamos fome. Almoçámos na Lapa. Sobre a mesa, os sabores da região: a broa, o queijo, mais tarde o cabrito e as castanhas.





Tentações gastronómicas a que ninguém conseguiu resistir, ou não estivéssemos nós nas Terras do

Rota Aquiliniana



O Santuário de Nossa Senhora da Lapa

Demo. Aos pratos servidos acrescentaram-se os temperos típicos da Comunicação: camaradagem, cumplicidade, a boa chalaça, a boa gargalhada. Com o estômago cheio é mais fácil peregrinar. Até mesmo quando isso implica percorrer um estreito túnel granítico por detrás do altar do Santuário da Lapa. Provado ficou que gente da Academia é gente sem pecados. Faltava apenas visitar o museu de ex-votos, ou seja, pequenos quadros, pintados como testemunho de gratidão por uma cura considerada milagrosa.

Mas da Lapa ninguém saiu de mãos vazias. De facto, foi um corre-corre rua acima, rua abaixo, na ânsia de adquirir iguarias serranas: broa, queijo, castanhas, e sabe-se lá que mais.

Por fim, a viagem de regresso. Não tinha sido possível vislumbrar abóboras nos telhados nem raposas protagonistas de romances, porém cumpríamos o nosso objectivo: percorrer uma boa parte da geografia sentimental do grande Aquilino Ribeiro.

Helena



Fundação Aquilino Ribeiro

De Aveiro até à Lapa
Foi a nossa Academia.
E foi só mais uma etapa
Para com muita alegria,
A rir e a conversar,
Se poder comunicar.

Mestre Aquilino Ribeiro
Foi por nós hoje lembrado.
Foi um beirão por inteiro,
Num país aculturado
Soube a cultura deixar
E a todos deslumbrar.

Pelas “Terras do Demo” nos guiou,
Na “Via Sinuosa” e na história
Deste escritor, de sonho e aventura,
Alguém que em nós despertou
Com seu grande talento e oratória,
De novo, o gosto da sua leitura.

Tantos livros escreveu
E fantasia espalhou!
Na Beira Alta nasceu,
“Malhadinhas” inventou,
Conheceu mundos e gente
Mas à Beira voltou sempre.

Grande foi o seu talento!
Soube explicar sua terra
De frio agreste e de vento,
Os bichos, casas, a serra,
Os pássaros e seu canto,
Com lirismo e com encanto.

Ludou por seus ideais
Com vigor e militância.
De homens assim iguais
Com utopia e constância,
Bem precisa Portugal
Para elevar a moral

Manuela Salgueiro

Actividades Pedestres

No dia 22 de Outubro, 12 caminhantes apanharam o comboio para Canelas e seguiram o percurso do Rio Jardim. Passeámos perto do rio e pelos campos de arroz, já depois da colheita. Vimos umas aves maiores incluindo as cegonhas que já não voltam





todas para África, no inverno. Ouvimos muitos outros pássaros pequenos escondidos da nossa vista. Vimos sinais de que ainda há ginetas a caçar nesta zona. Também apreciámos a natureza.

Foi uma caminhada muito agradável, com muito convívio. Todos concordaram em que este lugar será um sítio óptimo para passear com os netos, que podem aprender muito com os painéis informativos ao longo do caminho. E não será preciso pegar no carro, pois há um comboio a cada hora em cada direcção. A distância total não ultrapassa os 4 km.

Foi adiada a visita projectada ao Parque Biológico de Gaia, porque a previsão apontava para chuva. No último momento, quatro de nós, fizemos uma caminhada perto do Canal do Paraíso e a Universidade. Passámos duas horas agradáveis e quase sem chuva. Esperamos que o tempo permita muito mais passeios durante o ano lectivo!

Anne

6º Aniversário da Academia de Saberes Nasceu a Academia

Era um sonho,
era um sonho carregado de maresia,
pés molhados na praia,
asas de gaivotas na ria,
velas erguidas ao vento,
na proa de um moliceiro

Rasgando na bruma
pelos horizontes de Aveiro
a esperança de um novo dia!

Chama acesa na alma
do ideal que nascia,
fez-se ao largo,
cresceu, deu flores,
frutos de terra e céu
e a todos sorria!



Sorria, sorria,
que no peito a palpitar
já quase não cabia

E então,
sempre a rir, sempre a sonhar,
o sonho se fez Academia.

Rosinda

O valor do silêncio

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

No início era o silêncio

A sala está às escuras. Ao fundo, num grande rectângulo branco, as imagens correm. Um pianista, ou, se o cinema é importante, uma pequena orquestra, pontua a acção com músicas que irão completar o código de representar, feito de gestos desesperados, mãos agitadas, olhos esbugalhados... Os vultos que enchem os lugares vibram, enfurecem-se, descontraem-se, enternecem-se. Alguns enfastiam-se. Não era aquilo que esperavam.

No *écran*, passam as imagens da Mary Pickford, do Barrymore, do Fairbanks, do Chaplin, do Keaton, nomes hoje quase perdidos para sempre na poeira dos tempos. Quem se lembra deles? No entanto, quando Rudolfo Valentino morreu, no auge da glória, milhares de mulheres vestidas de luto, desgrenhadas e soluçantes, acompanharam o funeral. A polícia teve de intervir para arrancar do túmulo os cachos humanos que se recusavam a abandoná-lo. Em 1918, o acontecimento mais importante para muitos americanos, não foi o fim da 1ª guerra mas, sim, o faustoso casamento de Mary Pickford – a noiva da América – com o atlético e garboso Douglas Fairbanks. Tão famoso, que, em Portugal, era carinhosamente conhecido como o Fazbancos.

Era o culto da vedeta, o *star system*. Mas, no início do início, os actores eram anónimos. Faziam os filmes e permaneciam anónimos. Até que começaram a chegar aos estúdios as primeiras cartas dos admiradores, cartas essas, rapidamente escamoteadas pelos produtores, receando que os actores as aproveitassem para pedir aumento de ordenado.

Mas, como sempre acontece, alguém se lembrou de tirar partido dessa idolatria e começou a lançar as vedetas de cinema, apoiado na força da publicidade. Quem iria interessar-se por um actor chamado Douglas Ullman? Nem pensar! A partir de hoje és Douglas Fairbanks. O quê Gladys Marie Smith? Mary Pickford e acabou-se. Mudaram-se os nomes, as biografias. Surgem novas palavras – *stars*, *fans* (de *fanatics*). Os actores e as acrízes passam a ser semi-deuses, vivendo num universo próprio, longe dos mortais, mas suficientemente perto para renderem bom dinheiro aos estúdios.

Em 1927, a Warner Bros estava à beira da falência. Numa jogada de risco, os produtores decidem





apresentar algo de novo - um filme sonoro. Quando “O cantor de jazz” estreou, foi a completa histeria e o princípio do fim do cinema mudo. John Gilbert, galã inolvidável, parceiro de Greta Garbo, foi descartado rapidamente: não tinha a voz adequada. Dezenas de carreiras terminaram abruptamente. Seguiram-se a miséria, o suicídio e no melhor dos casos, o esquecimento.

E pianista de sala de espectáculos deixou de ser profissão.

João Madeira

Silêncio

cansados de cantar
pássaros pousam

em mim e em ti
os ninhos são
um espesso algodão
de serenas ternuras

em mim e em ti
pousam
com um ligeiro
cheiro
a seda antiga

pousam
de asas quietas
sem pressa
sem cantiga

em ti e em mim

e assim repousam
abrigados num silêncio
astral
que é princípio
e que é fim

Helena

Ramos de silêncios

Segundo Watzlawick, um dos responsáveis pela teoria da Comunicação da Escola de Palo Alto, *Não se pode não comunicar*. Ora isto leva-me para as situações em que, sem palavras se diz muito. Que o mesmo é dizer que os silêncios comunicam. Anseios, alegrias, agradecimentos, pedidos, recriminações, desistências, expectativas.

E sabemos nós ler os silêncios? Temos consciência

de que eles se querem traduzir em palavras? Na verdade, há olhos que falam, mãos que imploram, passos que fogem ou se aproximam, sorrisos que acalentam, esgares que queimam, sobrolhos que vaticinam, trejeitos que mordem, suspiros que almejam, balbúcios que destroem ou acalentam.

Saber descodificar os silêncios é uma prática que requer muito senso. É que é preciso entender os contextos, respeitar os silêncios, *saber ler nas entrelinhas*, como se diz vulgarmente. Por outras palavras, respeitar o outro na sua idiosincrasia, favorecer e criar oportunidades de entendimento e não fazer fogueiras de silêncios que destroem os que as alimentam e os que nelas se deixam arder, consciente ou inconscientemente.

E como é pródigo o ser humano neste jeito de atear o lume! Verrinosamente, tantas vezes.

Qual será a melhor maneira de ler os silêncios? Com o coração, parece-me, dado que, segundo palavras sapienciais, o amor tudo entende, tudo perscruta, tudo espera, tudo perdoa, tudo valoriza, tudo acolhe.

Mas lidar com os silêncios exige ainda uma outra atitude: a de os guardar religiosamente se forem os dos outros. Por que não, no final, sermos acompanhados não só por ramos de flores, mas também por ramos de silêncios?

Maria Cacilda Marado

Silêncio

Silêncio é perfume de rosa
É oiro, madrugada a despontar!
É melodia, carícia, beijo,
Montanha de neve fofa
Ninguém se agride no falar!...

A ausência de palavras
Torna o silêncio fecundo!
Vagueia meu pensamento
Dá voltas à imaginação
O silêncio é infinito
Será a essência do mundo!...

Silêncio será também
Simbiose de perfume
De rosas
E tempestade de espinhos!
É gelado mal tratado
Turbilhão!
Nada se ouve, nada se sente,
Só mesmo o calor da tua mão!

Isabel Maria





O que é o silêncio?

Silêncio?

O que é o silêncio?

A ausência de ruídos? Ótimo!

A ausência de sons? Impossível.

O afastarmo-nos do bulício, para darmos repouso ao corpo e ao espírito? Magnífico!

O abstermo-nos da confusão que grassa à nossa volta para nos encontrarmos connosco próprios, ou connosco e Deus? Maravilhoso!

Todo o ser necessita de ter, em seu redor, paz e tranquilidade. Poderá estar envolvido pelos sons: da natureza, do mar, da montanha, do campo, da floresta, de uma música suave, da casa, talvez até da rua, não sendo esta demasiado movimentada, de uma voz amiga, do riso de uma criança...

Silêncio? Saber ouvir? Que bom!

Silêncio? Calar em dados momentos? Sábio.

Silenciar injustiças: abusos, crimes, por vergonha, por cobardia, por falta de coragem? Errado.

Silêncio amordaçado? Horror.

As palavras são um mundo e por vezes traiçoeiras.

Aida Viegas

Valor do silêncio

O silêncio é indispensável na construção da personalidade humana.

Cada um de nós é um pequeno cosmos a rolar no mundo.

Deste nosso pequeno mundo observamos o mundo grande que nos rodeia e no qual nos inserimos, pelas janelas abertas dos nossos sentidos.

Neste micro cosmos com vários orifícios para o exterior, apenas um deles (o que termina na boca) está preparado para falar, isto é, articular sons perceptíveis, as palavras. Todavia, por todos os orifícios do corpo, as informações entram em catadupa, diversificadas, instantâneas, rápida e continuamente e, de maneira nenhuma, a boca pode e deve responder com a mesma veemência a todas elas, pois é impossível estar devidamente preparada para tal reacção.

No nosso interior, nos domínios cerebrais, há que manter a atmosfera própria do silêncio para, a tempo, e convenientemente, se poder decifrar, orientar, catalogar e arrumar todo o material psíquico que do exterior os estímulos vão atirando e se acumula vertiginosamente. Note-se que esta avalanche proveniente do exterior deve ser analisada e seleccionada segundo a natureza, qualidade e quantidade dos seus componentes e o ideal seria, com uma rapidez aproximada daquela

com que esta força exterior invadiu o nosso domínio interior. E agora percebe-se a razão pela qual a boca não está preparada para, de imediato, responder aos estímulos.

Um trabalho mental desta envergadura, nem é sequer pensável sem o terreno favorável do silêncio onde se cria e desenvolve saudavelmente toda a vida activa do nosso psiquismo.

É este labor prodigioso a nível psíquico que define a própria essência humana e que tem de estar na base do nosso agir e reagir. Porque viver no mundo é isso mesmo e é nesse trabalho mental proporcionado pela atmosfera do silêncio que se constrói e afirma a vida desta unidade individual que é cada um de nós: partícula, pequeno grão, mas grande maravilha do CRIADOR.

Rosinda de Oliveira

Silêncio

Assim como do fundo da Música

brota uma nota

que enquanto vibra, cresce e se adelgaça

até que noutra música emudece

brota do fundo do silêncio outro silêncio, aguda torre, espada

e sobe e cresce e nos suspende

e enquanto sobem, caem

recordações, esperanças,

as pequenas mentiras e as grandes

queremos gritar e na garganta

o grito se desvanece,

desebocamos no silêncio

onde os silêncios emudecem.

Octávio Paz "Liberdade sob palavra"

Tradução de Luís Pignatelli

Há sempre um silêncio

Não há tempo demais pra quem clama

por justiça

por pão

por liberdade

não há voz,

nem grito lancinante

para quem sofre uma dor

que não tem fim

não há palavra justa pra soltar

a quem explora uma criança inocente

não há prece mais forte que a do crente..

Mas há sempre um silêncio estonteante

perante um novo ser a vir ao mundo,

perante um gesto simples do herói

perante um pôr do sol à beira mar

perante o Amor o sentimento mais profundo.

Tricana





O Silêncio

Como todas as dualidades da vida, o silêncio pode ser libertador ou opressor.

Sendo parte integrante da vida, o silêncio é o contraponto do ruído, e é sentido como resultado natural da envolvimento sonora que existe. Poder-se-á pensar até que a vida é composta, essencialmente, por ruído e pelo silêncio que o valoriza. Ou será, também, o contrário?

“A vida é puro ruído entre dois silêncios abismais. Silêncio antes de nascer, silêncio depois de morrer.” Isabel Allende (jornalista e escritora chilena dos secs. XX e XXI).

É, através do silêncio, que, por vezes, mais do que por palavras, se exprimem diferentes sentimentos como alegria, tristeza, amor, poder, medo.

Tudo isto é constatado nos acontecimentos do dia-a-dia onde se verifica o valor bem marcante do silêncio nos relacionamentos.

Um silêncio pesado pode surgir dum baque provocado por notícia inesperada.

Numa conversa entre várias pessoas, um silêncio prolongado poderá ser o início dum debate mais empolgante ou o corte da mesma.

Há, ainda, o silêncio dos discriminados, oprimidos, injustiçados, que é o único refúgio que conhecem.

A nível artístico também é notada a importância do silêncio. No campo musical, as pausas são indispensáveis para valorizar o respectivo contexto e, em qualquer texto lido ou representado, os silêncios são fundamentais para uma boa comunicação.

É, ainda, do conhecimento geral que, por vezes, um silêncio pesado, abafado, a nível dos sons normais da natureza é prenúncio de catástrofes naturais, como terremotos e outros. Poder-se-á considerar, até, como uma tentativa de aviso.

“Não há arauto mais perfeito da alegria do que o silêncio. Eu sentir-me-ia muito pouco feliz se me fosse possível dizer a que ponto o sou.” William Shakespeare (poeta e dramaturgo inglês dos secs. XVI e XVII).

“Em matéria de amor, o silêncio vale mais do que a fala.” Blaise Pascal (físico, matemático, filósofo, teólogo francês do sec. XVII).

“Temo os vossos silêncios, não as vossas injúrias.” Jean Racine (poeta, dramaturgo, matemático, historiador francês do sec. XVII).

“Apenas o silêncio é grande, tudo o mais é debilidade”.

”Podemos estrangular os clamores, mas como vingarmo-nos do silêncio?” Alfred de Vigny (poeta francês do sec XVIII).

“Há algo de ameaçador num silêncio muito prolongado.” Sófocles (um dos mais importantes dramaturgos da Grécia antiga).

“Nada faz realçar mais a autoridade do que o silêncio, esplendor dos fortes e refúgio dos fracos.” Charles de Gaulle (Presidente da República Francesa do sec. XX).

O silêncio é, também, absolutamente necessário para o auto-conhecimento e valorização pessoal. Só é preciso aprender a ficar em silêncio e tudo surge naturalmente. O confronto pessoal com pensamentos, sentimentos, acções praticadas ou a praticar levam a uma visão mais ampla e profunda da vida e a uma sintonia perfeita entre o plano material e espiritual.

“O exercício do silêncio é tão importante quanto a prática da palavra.” William James (filósofo, psicólogo americano dos secs. XIX e XX)

Não é costume dizer-se que o silêncio é precioso, é de ouro?

Conceição Neiva

Páginas Literárias

Confidente

Nas horas mornas
do cair da tarde
no olhar o rubro dum poente
nos lábios o gosto a sal e maresia
na mente o perfume de rosas orvalhadas.
Pela praia àquela hora já deserta
solitária
deixo pegadas fundas
na areia há pouco lavrada pelo mar.
Prossigo no beijar das ondas
passo resolutamente
olhar sem rumo
vogando na imensidão
ou preso nalgum feitiço.
As vagas num salto invadem o areal.
O som tenebroso do mar
assusta as gaivotas famintas
engole o eco dos meus passos.
Um denso manto de neblina
desce sobre a terra
encurtando as distâncias
turbando-me o olhar.
E de voz perdida na lonjura do horizonte
incauta, confio ao mar
os meus segredos.

Aida Viegas

in Rios de Fogo e Madrugadas de Luz





À Espera

Mês após mês

à espera

que a nós venha o pão de cada dia,
assim como o fruto proibido,
(sempre tão apetecido)
e que os impostos não deixem a carteira vazia

à espera

de ver os políticos cumprir cada promessa,
de poder progredir na carreira
sem levar encontrão nem escorregar com a pressa

ano após ano

à espera

que deitar tarde e tarde erguer
dê saúde e faça o dinheiro crescer
e também que a galinha da vizinha
nunca seja mais gorda que a minha

à espera

de não ter de esperar tanto
na repartição,
no consultório, no hospital,
na reunião, no velório,
no tal recanto *Damas & Cavalheiros*
da estação de serviço

a vida inteira

à espera

daquele abraço
de ideias, de tempo, de espaço,
de ser capaz,
de ter ânimo, de não bater no fundo

à espera

que a paz se vista de branco
e abra suas asas de pomba
sobre o mundo.

Helena

Saudação

Tinha saído de casa, cedo, porque o sol convidava a partilhar a aragem e a frescura da manhã. O sol amaciava a brisa e espelhava-se abertamente no rosto dos poucos transeuntes que, com destinos escolhidos no labiríntico formigueiro do pensamento, percorriam com determinação os passeios da Avenida da pequena cidade onde residio. Havia quem estugasse o passo, na pressa de chegar a algum lado, e havia também senhoras, com as roupas apertadas, a vincar-lhes as formas mais expostas e salientes do seu corpo arredondado. Havia ainda outras pessoas que caminhavam com passos lentos, senhoras parando aqui, parando mais

além e acolá, quase sempre em frente de montras, na curiosa observação dos figurinos expostos, ao mesmo tempo que, para reprimir a teimosia de uma madeixa de cabelo que lhes ocultava o olhar, levavam a mão ao rosto ou observavam-se nas espelhadas vidraças, exibindo algum agrado na aceitação da sua imagem com a roupa que vestiam. Ao longe, vi alguém que caminhava ao meu encontro e cuja imagem, pelo jeito de caminhar e no aspecto, me parecia conhecida. Lembrei-me então de que, há uns dias antes, tinha parado um automóvel junto ao passeio oposto àquele em que eu deambulava com minha mulher, e, de um modo estranho e súbito, o seu condutor saiu da viatura, descrevendo gestos com os braços e as mãos, caminhou na minha direcção, e com vivo entusiasmo do encontro, perguntou-me: Olá, Manel, como estás? e como eu nada disse, porque não o conhecia nem sou Manuel, repetiu a pergunta saudação: estás bom? Então a Clarinha?

Que Clarinha?, respondi, eu não o conheço. Por alguns instantes olhou-me fixamente e depois acrescentou desiludido: ah, pois, não é o Manel que eu julguei ver quando parei o carro. Desculpe, mas é muito parecido. Olhe, foi engano que me aconteceu. Mas pareceu-me o Manel, e parece.

E a minha mulher, na dúvida, completamente confundida, surpresa e mais baralhada do que eu, com os modos familiares do senhor até pensou que eu de facto o conhecia de algum lado, se calhar da tropa ou dos estudos e não o quis aceitar como conhecido para ocultar alguma passagem menos favorável da vida de solteiro.

Naquela manhã, ainda a afastar a recordação do incidente do declarado conhecido que nunca vira antes, com ousadia, decidi saudar as pessoas que comigo se cruzavam, atirando-lhes abertamente um “bom dia” como se bem as conhecesse de há muito tempo.

Julgando ler nos rostos, com que me cruzava, uma indiciada serenidade, e mesmo, nalguns casos, uma pitada de presumido contentamento que se projectava no olhar e nos gestos e modo de falar, considerei oportuno testar quem passava, para, assim, tirar a “prova dos nove” quanto a saber se a imagem que a minha observação colhia tinha correspondência ou não com a realidade que enformava o dia-a-dia de cada um que passava.

E o primeiro a testar apareceu à minha frente: um cavaleiro, de meia idade, com andar bem compassado, como quem tinha tempo mais que suficiente para chegar aonde quisesse chegar. Algo descontraído, vestia fato completo, cinzento claro, camisa creme, de colarinho aberto, portanto sem





gravata. Ao chegar junto dele, antes do cruzamento, fixando-lhe o olhar lancei-lhe, no rosto, em jeito de cortês cumprimento, de modo bem audível e seguro: “bom dia”.

O cavalheiro captou a saudação e, de improviso e sem que reflectisse, devolveu o cumprimento, dizendo saudavelmente: “bom dia”. E seguiu o seu caminho. Porém, quando lhe atirei a saudação, e antes que a devolvesse, evidenciou a surpresa que estampou no seu rosto, como se tivesse sido apanhado numa falta por não me ter reconhecido, pois na realidade não me conhecia, mas interrogando-se de onde, de facto me conheceria e, por isso, se sentia obrigado a retribuir o cumprimento.

Além da surpresa, o cavalheiro, pela imagem que transmitiu com o seu distendido andamento, pela aceitação retribuída do olhar, pelo tom da resposta e pelo gesto expresso pelas mãos, pareceu intrigado mas saudavelmente satisfeito. Terá ajuizado que se havia esquecido de quem o cumprimentou mas que, certamente, o conheceria de algum encontro passado. E em introspecção, passou a revisitar o seu passado na procura de qualquer vestígio desse conhecimento, nalgum lugar ou nalgum acto em que a minha imagem estivesse presente. Ainda me pareceu que ele hesitou em sustentar o andar para se certificar de quem eu era, mas após a pausa da aparecida dúvida, seguiu o seu caminho. Após ele, e mais novas que ele, aproximavam-se duas senhoras, à roda dos 35 a 40 anos, para mim totalmente desconhecidas: uma apresentava ser ligeiramente mais nova que a outra, não mais que 2 a 3 anos.

Vestiam com a elegante sobriedade de quem se deleita com a oferta de uma manhã soalheira, sem pesos de consciência ou presságios de agruras pessoais.

Entre elas fluía uma conversa familiar, de palavras curtas, tipo pergunta, resposta pronta. Pararam numa montra de roupas de criança pelo que, pelo interesse com que olhavam, e comentários que delas ouvi, julguei que, pelo menos, uma delas fosse casada e com filhos pequenos.

Ao passar e sem me deter, como havia decidido, saudei audivelmente: “bom dia” ao mesmo tempo que, em sinal de respeito, inclinei ligeiramente a cabeça.

Logo ambas viraram as cabeças e os rostos na minha direcção mas só uma delas devolveu o “bom dia”. A outra senhora, pela imagem fisionómica, possivelmente irmã mais nova, embora nada dizendo, fixou os olhos na companheira, com algum espanto por ela ter retribuído a saudação e,

embora afastando-me do local, ainda ouvi perguntar a quem retribuiu o “bom dia”. Diz-me cá, conheces o senhor?

Já não ouvi a resposta. Mas imagino-a dizendo: não, não o conheço, pensei que fosse teu conhecido. E a outra a retorquir: meu conhecido, não. Tu é que respondeste ao cumprimento. Olha, se calhar o senhor enganou-se, confundiu alguma de nós com outra pessoa. E o senhor foi muito correcto, pareceu ser pessoa de boa educação. Também pensei que o diálogo fosse mais acintoso em relação a mim: se calhar o senhor não regula bem, padece de alguma psicose ou coisa assim. E a outra a responder: talvez, mas correcto pareceu, se calhar conhece o Miguel e já me viu com ele, ou conhece-te a ti, não conhece?

Na verdade, ficaram ambas intrigadas e cada uma delas desconfiando da oferecida veracidade da outra quanto a conhecer ou não quem as saudara com cortesia, pelas palavras e pelo gesto, que revelava proximidade de conhecimento e até alguma intimidade.

A dúvida ficou instalada entre as duas, cada uma suspeitando da outra. Possivelmente, cada uma delas guardando para si: não queres é aceitar e confessar que conheces o senhor. Estás a esconder alguma situação menos favorável, vou ter de me colocar de pé atrás, obter melhor informação e observação a teu respeito, não me andes tu a pisar o risco ou a fazer-me o ninho atrás da orelha.

Depois, quando me aprontava para deixar o passeio e me aproximar do café, ainda me cruzei com um grupo de jovens a quem também saudei jovialmente com “bom dia”. Alguns, naturalmente, devolveram: “bom dia”.

Todos se entreolharam e riam depois. Não me apercebi se, pela surpresa da inusitada saudação, se pela natural irreverência juvenil que lhes permite chalacear, da graça e da desgraça, por tudo e por nada. Talvez tenham comentado: o senhor não bate bem da bola ou confundiu algum de nós com algum “chavalo” seu conhecido. Provavelmente, um jovem do grupo poderia ter acrescentado: deve ser provinciano, um saloio que veio à cidade, porque lá na minha aldeia todas as pessoas, conhecidas ou não, quando se encontram, da parte da manhã, todas se saúdam com bom dia.

Pois é, na cidade, as pessoas não pessoalmente conhecidas são sujeitas a um processo de metamorfose: deixam de ser pessoas e passam a ser números. Números desconhecidos que são ignorados.

J. Carreto Lages





Sinais

Um céu carregado de ondulações cinza e prata anunciava já a noite que, em breve, estenderia o seu manto negro sobre a cidade.

Apressei o passo e em minutos alcancei o portão. Estaquei extasiada. À minha frente, uma vastidão de pequenas e trémulas luzes projectava um ténue e mágico bailado de sombras num cenário florido de amor. Sinais de saudade!

Olhei á volta. Ninguém. O silêncio era absoluto.

Esta visão despertou-me memórias, e este silêncio fez disparar em mim a consciência da inevitabilidade do fim, da relatividade das coisas e do valor de cada amanhecer.

Batalhas ganhas e lutas perdidas, ambições e desânimos, verdades e mentiras, gargalhadas de festa e gritos de dor, o ter e o ser, o bem e o mal... e tudo acaba aqui.

A chuva começou a cair com a delicadeza dum borribo e o vento criou acenos nas pétalas das flores.

Aconcheguei o casaco, respirei fundo aquela serena tranquilidade e deixei que a emoção rolasse no meu rosto e se quedasse no murmúrio duma oração.

Lourdes Oliveira

Esperança

É sempre, sempre tempo de mudança
Mesmo que a vida nos pregue partidas
As almas fortes, nunca são vencidas
Quando se renovam em esperança
E se em nós vacilar a esperança
Quando as metas não forem conseguidas
É urgente começar novas subidas
Amparado o caminho em aliança
O sonho não se abandona à nascença
Fortalece com fé, força e crença
Leva-se vida fora até ao fim
Na vida vamos ser sempre capazes
De esperar que floresçam os lilases
Enfeitando a vida de alecrim

Manuela Frade



Cartas da neta Joana ao avô Cachim

Querido avô

Por vezes não entendo mesmo nada dos teus estudos então foste às maçãs e às castanhas a uma terra dum escritor isto foi o que me pareceu quando te ouvi contar à avó um passeio da tua escola se calhar não ouvi bem e então perguntei à avó e ela então disse-me que tinhas ido visitar a casa dum senhor que escreveu livros há muito tempo e que era lá para longe de Aveiro parece que ouvi falar perto de Viseu assim eu também queria andar nessa escola eu admirava muito que tu fizesses alguns estudos porque não páras em casa mesmo sem teres aulas ao menos podias ajudar a varrer o pátio a regar as plantas e outras coisas à mesa é que estás sempre com tempo e quero dizer-te que vou ralhar contigo porque nunca fazes o que a avó te diz porque comes muita sopa e não precisas de comer tanto do resto eu gosto muito de ti mas podias ser melhor vem aí o Natal vê lá

Um beijo

Joana

Cachim

A Idade

A idade é uma coisa que a gente vai tendo sem dar por isso. Assim, estamos habituados a ansiar por “Quando eu for grande” e já temos de começar a dizer “Quando eu era jovem”.

Tudo está em ter bom perder. Agora, que já sou avó, digo “Tenho um neto!” com a mesma entoação com que o meu filho Pedro, aos sete anos, se gabava às pessoas que acabava de conhecer: “Eu tenho um mano!”

Um menino que tem manos sente-se mais importante que um menino que os não tem. É claro que há os que preferem ser filhos únicos... Há também mulheres que escondem ter netos e até filhos, porque acham que isso as envelhece. Eu disse há pouco que isto da idade era tudo uma questão de ter bom perder, mas, neste caso de netos, acho que é ter bom ganhar.

Eu gosto muito de ser avó. Eu e o meu neto somos grandes parceiros. Mas, às vezes, gosto de ficar calada à beira dele como quem guarda um rebanho. Ouço-o crescer: E é como se eu fosse a relva em que ele brinca.

Mas os netos também são muito úteis para a nossa alimentação: comê-los aos sábados com beijos sustenta-nos durante toda a semana. E é das raras coisas boas que a gente pode comer à vontade que não engorda por isso.

Emília Andrade





Sombras

Vai passando rente à parede
Devagarinho...
Lentas passadas.
A sombra segue-a
Bem de mansinho...
Lá mais à frente
Saltam contentes
Umam criança
Quais passarinhos...
Batem com as mãos
Nas próprias sombras.
Vão ao encontro
Das mãos de sombra.
Juntam-se todas a comentar
Unem cabeças
São um grupinho.
Olham com espanto
Para a parede,
Não é que a sombra
Também lá está?
E num montinho!...
A pequenada
Vira a esquina
Agora o Sol
Nas suas costas
E a sombra à frente
No chão espalmada.
Vamos pisar-lhe a cabeça
Grita, animada, a criançada.
Correm que correm...
Não conseguem nada...



Maria José Sampaio

Notícias de Notícias

De repente, era um fervilhar - na rádio, nos jornais, na televisão.
Ainda as pestanas mal se levantavam, algumas tão cansadas do ontem, já pelos olhos dentro entrava aquele grito de dor.
Trinta e três, eram trinta e três – a idade de Cristo quando morreu. A derrocada prendera-os no fundo.
Não se sabia nada a não ser que estavam lá.
Estariam vivos? Estariam mortos?
O desespero por ali andou!
Mas, afinal, o mundo não estava surdo, nem cego, nem mudo. Não estava longe como às vezes parece.

Dos Estados Unidos surgiu oferta de ajuda e logo as altas tecnologias usadas pela NASA se mobilizaram e chegaram. Percebido em que ponto, mais ou menos, se encontravam aqueles homens, logo o “engenho e a arte”, neste caso ajudados pela alta tecnologia, foram descobrir os soterrados, os assustados, os aterrados mineiros.
Diz-se que a esperança é a última a morrer e ela não morreu.

Instalou-se lá no fundo, junto dos mineiros.
Instalou-se cá fora, com as famílias.
Como se tivesse o dom da ubiquidade! Instalou-se longe, por todo lado e por todo o mundo, levando com ela a ansiedade.
Foi feito um furo, foi dar-se com eles.
Logo lá em baixo se animaram...
Logo cá em cima planearam...
E foi a câmara, vieram as caras, já sorridentes mais esperançadas. E foram descendo palavras e imagens de cá de fora... e a esperança mais renovada...
Criou-se um elo, rezou-se para que não fosse fraco.
Com tanta esperança por ali à solta até o nome de uma menina virou ESPERANZA!
Trabalhou-se muito. Houve pausas, sustos, aflições.
Até que o dia feliz sempre arribou, a salvação se iniciou.

Foi um dia mágico 13-10-10, tudo “somado” dá 33, e trinta e três eram os soterrados e, trinta e três foram recuperados.

Uma mulher disse: “As mães os trouxeram ao mundo e hoje a terra os pariu de novo”.

A cápsula Fénix subiu e desceu. Era espantoso vê-la aparecer lá em baixo, os mineiros vendo a sua salvação. Quando subiu o último já lá não havia olhos mineiros “só lá ficaram os olhos de Deus”.

O Presidente Piñera foi mediático? Seria, mas salvou-os. Afligiu-se, sentiu-se culpado; depois, alegrou-se e aprendeu uma lição. Prometeu mudar leis, emendar a mão, para no futuro não haver cópia de tal situação.

Vem-me à ideia o desastre do submarino russo. O presidente tratou de esconder, não queria nada, iriam resolver. Horrendamente e lentamente, as jovens vidas a desaparecer. Não fez nada, não salvou ninguém, deixou os seus homens no fundo do mar...

Também foi mediático mas, da pior maneira.
Usou a mão não para emendar, virou sim o polegar para baixo, como se arena fosse o mar...

Maria José Sampaio





As nossas leituras

O Malhadinhas de Aquilino Ribeiro

Neste livro de Aquilino Ribeiro, num estilo galhardo, solto e picaresco, contam-se as aventuras de Malhadinhas, um almocreve da Beira Alta. Recorrendo a expressões populares entre grotescas e satíricas, Aquilino sabe usar magistralmente a palavra, o verbo, que vai temperando com o sal da terra, dos costumes e das gentes. Que o mesmo é dizer que a excepcional riqueza vocabular se apresenta eivada de provincianismos. O Malhadinhas, personagem rústica, grosseira, manhosa e sem grandes escrúpulos sabe usar notavelmente, quer a faca que traz à cinta, como a língua afiada para corrigir todos os males. É que, em toda a história, está presente um grande debate moral, bem como a relativização dos conceitos morais e civilizacionais, como por exemplo a violação daquela que viria a ser a mulher de Malhadinhas, “por uma boa causa”. E neste reflectir sobre a Vida, a honra é o ponto alto da alma de Malhadinhas; a sua concepção do divino (pagã, fervorosa ou beata) mostra-se-nos em páginas soberbas. Efectivamente, Aquilino deixa reflectidos no texto aspectos da sua vida, ainda que distorcidos pela imaginação: convívio com gente do campo, educação ministrada pelos sacerdotes, conspirações políticas, fugas, etc.

No que à acção se refere, Malhadinhas nasce numa aldeia do distrito de Viseu, faz-se almocreve, e nos caminhos e com os amigos, aprende a lidar com desenvoltura com a navalha e com o pau. Num dos seus percursos, ao jogar o pau com um brutamontes, encanta uma moçoila que não consegue substituir o amor que ele tem por Brízida, sua prima, enleada pelas promessas de um abade novo e galã. Então, num ápice, toma a decisão de raptar a sua amada, de a violar e só depois se unir a ela pelo sacramento do casamento. Não sem antes se debater em lutas quase fratricidas com quem lhe fez frente. Mais tarde, a pedido da sua mulher Brízida, vai mudar de atitudes, mas nem os muitos filhos de ambos o impediram, em determinadas alturas, de deixar vir ao de cima os seus instintos agressivos. Valeu-lhe a sorte muitas vezes e, por isso, ficou ao lado de Brízida até Deus querer.

Neste texto, Aquilino consegue, como poucos, criar e equilibrar até ao fim, sem grandes solavancos, o animal selvagem, o demónio saltitante, em suma, o

Malhadinhas. Sem o fragilizar, transforma-o, afinal, num bom diabo que marca os lugares por onde passa.

Maria Cacilda Marado

Generalidades

À descoberta de Macau

Preâmbulo

Os dados constantes do texto que se segue, resultam do registo de uma viagem turística, com guia local. Para além disso, foram consultadas outras fontes de informação pertinentes.

1 – Localização e Aspectos Gerais

Macau não é uma ilha, mas sim uma península, uma vez que está ligada à China por um estreito istmo. Localiza-se na Ásia Oriental, a sudeste da China, na margem oeste do Rio das Pérolas. Está a sul do Trópico de Câncer, distando apenas 60 Km de Hong Kong, por mar.

Devido à sua situação geográfica, Macau apresenta um clima subtropical bastante húmido.

Macau é uma zona estratégica, de ligação entre a China Continental e o Mar do Sul da China. A movimentada cidade de Macau funciona como posto fronteiriço entre a China e o território macaense.

O território de Macau engloba também as ilhas de Taipa e de Coloane e ainda o aterro de Cotai, num total de 29 quilómetros quadrados.

A população ronda os 550.000 habitantes, dos quais 94% são de etnia chinesa.

As línguas oficiais são o chinês (dialecto cantonense) e o português. No entanto, a língua portuguesa é pouco falada e entendida, como foi possível verificar in loco. O inglês só é usado esporadicamente, nalguns sectores do turismo e do comércio.

A moeda local é a “pataca”, que equivale mais ou menos a 10 cêntimos. Mas também circula livremente o dólar de Hong Kong. O euro não circula, na generalidade das situações.

O início da ocupação portuguesa em Macau, por motivos religiosos, económicos e geopolíticos, situa-se entre 1555 e 1557. Depois de vários séculos de colonização, como território sob administração portuguesa, Macau passou de novo e pacificamente para a administração chinesa, em 1999, tornando-se numa região autónoma especial da China.





2 – Evolução Histórica

Sabe-se que desde 1557, os Portugueses estabeleceram no território de Macau um entreposto de trocas comerciais com a China.

Assim, ao longo dos séculos, Macau funcionou como porta aberta da China para o exterior. Foi local de cruzamento entre o Ocidente e o Oriente.

Por isso, os missionários cristãos escolheram Macau para a difusão da fé cristã e das ciências ocidentais em terras do Extremo Oriente.

O Colégio de São Paulo, fundado no século XVI, é considerado como a primeira universidade, em moldes ocidentais, criada na Ásia Oriental.

Para além de abnegados missionários, como Francisco Xavier, outras personagens da cultura de então deixaram a sua marca para a história das civilizações ocidental e oriental, como por exemplo, o nosso admirável poeta, Luís Vaz de Camões (século XVI). A sua passagem por Macau está testemunhada na “Gruta de Camões”. Outros exemplos de portugueses ilustres que por lá passaram: Bocage (século XVIII), Camilo Pessanha, como poeta, professor e advogado (séculos XIX-XX) e o padre historiador, Manuel Teixeira (século XX).

No entanto, depois da criação da colónia de Hong Kong, em sequência da vitória dos ingleses na 1ª Guerra do Ópio, em 1841, Macau perdeu muito da sua importância comercial.

Macau acabou por proclamar a sua independência da China em 1849, mas só é reconhecida pelo governo chinês em 1887. Tornou-se depois província ultramarina de Portugal em 1951 e território especial em 1976.

Finalmente, em 1999, Macau retornou para a sua terra mãe, a China, com a designação de “Região Administrativa Especial da República da China”.

3 – Alguns Locais de Interesse Turístico

- 1 . Templo de A-Má
- 2 . Edifício do “Leal Senado”
- 3 . Largo do Senado
- 4 . Portas do Cerco
- 5 . Jardim e Gruta de Camões
- 6 . Ruínas de São Paulo
- 7 . Igreja de Nossa Senhora da Penha
- 8 . Torre de Macau e Centro de Convenções e Entretenimento
- 9 . Casino “Grand Lisboa”
- 10 . Ilha de Taipa
- 11 . Ilha de Coloane

Parta à descoberta de Macau!

Definições de Amor

Zola - um milagre

Platão - um mistério

Molière - um grande mestre

Balzac - a poesia dos sentidos

Corneille - um tirano que não poupa ninguém

Curiosidades

Os chineses acrescentam um ano à idade, porque consideram que no momento em que nasceram já têm um ano de Vida.

O caracol gasta quarenta e dois dias para andar cinco kms.

O ulmeiro produz cerca de sete milhões de folhas em cada ano.

A água do mar contem ouro, mas em proporção diminuta - somente quatro miligramas por cada metro cúbico.

Quando o sol está no zénite, as sombras tanto de um anão, com de um gigante são iguais.

Só cinquenta anos depois, acabou de arder na China uma mina de carvão, que se tinha incendiado em 1850.

Antigamente, chamava-se ao chocolate "licor divino" em resultado de se preparar de joelhos, se mexer com as mãos juntas e de se beber com os olhos no céu.

As árvores e a sua simbologia

A videira simboliza a Alegria

A noqueira Virtude

O pinheiro Saudade

O ulmeiro Amparo

A oliveira Paz

O loureiro Triunfo

A acácia Nobreza

A macieira Amor

A amendoeira Esperança

A figueira Doçura

A murta Dor

O plátano Grandeza

Maria Teresa Albuquerque

GM





Sabia que:

1. Pisca os olhos 25 mil vezes por dia ?
2. 15% das mulheres americanas mandam flores para si mesmas no dia dos namorados?
3. Se as doenças do coração, o cancro e a diabetes fossem erradicados, a expectativa de vida do homem seria de 99,2 anos?
4. As mulheres compram mais roupas masculinas do que os homens?
5. Antes de 1800, o sapato para o pé direito era igual ao do pé esquerdo?
6. O elefante é o único animal que tem quatro joelhos?
7. A população mundial deve dobrar em 2050?
8. A Microsoft gasta mais atendendo ligações de utilizadores com problemas do que produzindo os seus programas?
9. O seu cabelo cresce mais rápido de noite e você perde em média 100 fios por dia?
10. Rir durante o dia faz com que durma melhor?

Lindonor Silveirinha

Provérbios

S. Martinho

- Dia de São Martinho, lume, castanhas e vinho.
- Em dia de São Martinho, semeia os teus alhos e prova o teu vinho.
- Em dia de S. Martinho, vai à adega e prova o vinho.
- Em dia de São Martinho, vai à adega, prova o teu vinho e faz um magustinho.
- Em dia S. Martinho, mata o teu porco, assa castanhas e prova o vinho.
- Em dia de S. Martinho, tapa o teu portazinho, ceva o teu porquinho e fura o pipinho.
- Pelo São Martinho, abatoca o pipinho.
- Pelo São Martinho, bebe vinho e deixa a água para o moinho.
- Pelo S. Martinho, mata o porco, chega-te ao lume, assa castanhas e bebe o teu vinho.
- Pelo São Martinho, mata o porquinho, prova o teu vinho e não te esqueças do teu vizinho.
- Pelo São Martinho, mata o teu porquinho e semeia o teu cebolinho.

- Pelo São Martinho, nem nado, nem no cabacinho.
- Pelo São Martinho prova o teu vinho; ao cabo de um ano já te não faz dano.
- Pelo São Martinho, prova o teu vinho, larga o soito e mata o porquinho.
- Pelo São Martinho semeia o teu cebolinho, que o meu já está nascidinho.
- Pelo São Martinho, semeia a fava e o linho.
- Pelo São Martinho, nem favas nem vinho.
- Pelo São Martinho, todo o mosto é bom vinho.

Natal

- Em Dezembro, corta lenha e dorme.
- Dos Santos ao Natal, bico de pardal.
- Dezembro com Junho ao desafio, traz Janeiro frio.
- Dezembro frio, calor no estio.
- Dia de S. Silvestre, quem tem carne que lhe preste.
- Dos Santos ao Natal, é Inverno natural.
- Ande o frio por onde andar, há-de vir pelo Natal.
- Caindo o Natal à 2ª feira, tem o lavrador que alugar a eira.
- De Santa Catarina ao Natal, mês igual.
- Do Natal a Santa Luzia, cresce a noite e mingua o dia.
- Dos Santos ao Natal, cada dia mais mal; do Natal ao Entrudo, come capital e tudo.
- Mal vai Portugal, se não há 3 cheias antes do Natal.
- Não há ano afinal que não tenha o seu Natal.
- Natal ao sol e Páscoa ao fogo, fazem o ano formoso.
- Natal em casa, junto à brasa.
- Natal na praça, Páscoa em casa.
- Natal à 6ª feira, guarda o arado e vende os bois.
- No dia de Natal têm os dias bico de pardal.
- No dia de S. Silvestre, não comas bacalhau que é peste.
- No Natal, semeia o teu alhal; se o quiseres cabeçudo, semeia-o pelo Entrudo.
- Para que o ano não vá mal, os rios encham 3 vezes entre S. Mateus e o Natal.
- Pelo Natal, se houver luar, senta-te ao lar; se houver escuro, semeia outeiros e tudo.
- Pelo Natal, cada ovelha no seu curral.
- Pelo Natal, neve no monte, água na ponte.
- Pelo Natal, sachar o faval.
- Pelo Natal, tenha o alho bico de pardal.
- Quando o Natal tem o seu pinhão, a Páscoa tem o seu tição.





- Quem quer bom ervilhal, semeia antes do Natal.
- Quem varejar antes do Natal, deixa o azeite no olival.
- Se queres a desgraça de Portugal, dá-lhe 3 cheias antes do Natal.
- Se te queres livrar de um catarral, come uma laranja antes do Natal.
- Tudo a seu tempo, e os nabos no Advento.
- Ande o frio por onde andar, no Natal cá vem parar.
- Depois que o menino nasceu, tudo cresceu.
- Em Dezembro, descansa, em Janeiro trabalha.

Recolha e selecção de Elisete Lebre e Manuela Salgueiro

Reflexão de Natal

Só a fé...

Por Deus o Universo foi gerado,
Tudo é obra da Sua criação;
Encheu de luz o vácuo, a escuridão,
Surgiu o firmamento ilimitado!

Igual a Deus o Homem foi criado,
Tem a marca de Deus no coração;
Porém vive em contínua inquietação,
Não se sente feliz, realizado.

Buscou no labirinto da ciência,
Interrogou o mar, a terra, os céus,
Mas nenhuma resposta ousou achar.

Só a Fé lhe responde à consciência:
Tu vieste de Deus e só em Deus
Poderás finalmente repousar!

Maria Celeste

Jesus passa na rua...



Jesus passa na rua a nosso lado,
Encontro-O a cada instante, em cada dia:
No rosto que se mostra amargurado,
Num sorriso de paz e de alegria.

Jesus passa na rua aprisionado
No Outro que me fita em agonia;
Quero seguir em frente, estou cansado
Mas Ele me detém na noite fria.

Jesus passa na rua, está presente
Em cada um de nós, em toda a gente,
Naquele que é enfermo ou que está são.

Jesus passa na rua e, quando passa,
Algo nos toca fundo e nos abraça
Dando ao Amor uma outra dimensão!

Maria Celeste

